

## **O ACESSO A UMA EDUCAÇÃO DE QUALIDADE PELOS POVOS QUILOMBOLAS NA ESCOLA MUNICIPAL ANTÔNIO VIANA FILHO (MARAÚ-BA)**

HELGA PINHEIRO DIAS<sup>1</sup>

ANA ANGÉLICA LEAL BARBOSA<sup>2</sup>

### **RESUMO**

Esse artigo apresenta resultados preliminares da pesquisa que envolveu a revisão bibliográfica, observação participante e diálogos com as docentes. O objetivo foi avaliar o acesso e a permanência dos estudantes quilombolas na escola municipal Antônio Viana Filho, e analisar como as práticas pedagógicas cotidianas estão organizadas e relacionadas com o cumprimento da Lei 10.639/2003 e da Resolução Nº 8, de 20/11/2012 que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. As participantes foram as professoras efetivas, não quilombolas, que atuam na escola que atende os alunos das comunidades quilombolas situados no distrito. O cenário da pesquisa foi a localidade de Ibiaçu na zona rural do município de Maraú – BA. As informações contidas são resultado de pesquisa de campo realizada em visitas e diálogos com as professoras não quilombolas no ano de 2022. Também realizamos o reconhecimento do território visitando as comunidades negras do município de Maraú, entre 2018 e 2022. Visitamos as comunidades quilombolas do Empata Viagem, São Raimundo e Tremembé.

**Palavras-chaves:** Educação quilombola, Formação continuada, Práticas pedagógicas, Educação fundamental.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Curso do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC), oferecido pelo Órgão de Educação e Relações Étnicas (ODEERE), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

<sup>2</sup> Docente do Curso do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC), oferecido pelo Órgão de Educação e Relações Étnicas (ODEERE), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).



## UMA BREVE INTRODUÇÃO SOBRE OS QUILOMBOS

Num contexto histórico, notamos que a rebeldia escrava foi uma marca das sociedades escravistas nas Américas. Senhores de escravos e governantes foram regularmente surpreendidos com a resistência escrava. No Brasil, tal resistência assumiu diversas formas. A desobediência, a lentidão na execução das tarefas, a sabotagem da produção e as fugas individuais ou coletivas foram algumas delas. Fugir sempre fazia parte dos planos dos escravos (MATTOSO, 1982; MOURA, 2020).

A partir dos processos de aprendizagem e mobilização política do final do século XX, os quilombolas foram “ressurgindo” no Brasil (ARRUTI, 1997; ALMEIDA, 1998). Ao se referir a quilombo é comum as pessoas imaginarem comunidades exclusivamente negras, formadas por choupanas de palha escondidas no meio da floresta, no alto das montanhas, longe das cidades, fora do alcance dos senhores e onde se vivia apenas da própria lavoura, da caça, da pesca e do extrativismo. Mas não é bem essa a história de muitos quilombos no Brasil. Mas a ideia do quilombo como agrupamento exclusivamente negro, autossustentável e isolado nas matas brasileiras tem uma justificativa:

Palmares foi uma comunidade quilombola pioneira no século XVII, ocupava a serra chamada Outeiro da Barriga, sua vegetação tinha abundância de palmeira, daí o nome de Palmares. Foi uma comunidade diferente, por sua longa duração e seu número grande de habitantes, bem como por sua organização socioeconômica. Essa região se estendia do rio São Francisco, em Alagoas, até as vizinhanças do Cabo de Santo Agostinho, em Pernambuco. Se a vegetação dificultava o deslocamento dos caçadores de escravos fugidos, chamados capitães-do-mato ou capitães-de-assalto, e a abundância de árvores frutíferas, caça, pesca e água potável facilitava a sobrevivência dos quilombolas, também exigia dos moradores habilidade para enfrentar os perigos e as dificuldades da vida na floresta. O mesmo ecossistema que os protegia também os ameaçava (GOMES, 2011).

Palmares foi o mais duradouro e o maior quilombo da história do Brasil, foi também a maior manifestação de rebeldia conforme Clóvis Moura (2020).



Não sem razão, esse quilombo localizado na capitania de Pernambuco, em território que hoje pertence ao estado de Alagoas, é o mais famoso e tem servido como uma espécie de modelo para se pensar todas as outras comunidades quilombolas.

Clóvis Moura (2022, p.39-49) destaca as formas de resistência das populações negras contra o opressor. Essa resistência aconteceu do Amazonas ao Rio Grande de Sul, concluindo que:

Dessa forma, não podemos deixar de ver o quilombo como um elemento dinâmico de desgaste das relações escravistas. Não foi manifestação esporádica de pequenos grupos de escravos marginais, desprovidos de consciência social, mas um movimento que atuou no centro do sistema nacional, e permanentemente (MOURA, 2022, p.49).

Percebemos que a historiografia sobre a existência e a persistência das comunidades negras quilombola no Brasil ainda enfrenta dificuldades da ordem do território, saúde e educação, tivemos avanços, mas ainda não são suficientes para termos uma sociedade sem desigualdades sociais.

## **O SER PROFESSORA NUMA ESCOLA QUILOMBOLA**

A Unidade Escolar Antônio Viana Filho, está situada em Ibiaçu, zona rural do município de Maraú-Ba, recebe alunos e alunas oriundos de diversas comunidades rurais, negras e quilombolas. Apesar de ser localizada na zona rural do município, a comunidade possui características urbanas, com um pequeno comércio organizado tendo no mesmo alguns pequenos supermercados, padaria, lanchonetes, borracharias, estabelecimentos que vendem peças para motos e carros, pessoas que fazem o transporte alternativo e algumas pequenas distribuidoras de água e gás. Vale salientar que esse comércio funciona fluentemente no período que se iniciam as aulas na comunidade. A escola funciona nos períodos matutino e vespertino atendendo a modalidade de ensino do Ensino Fundamental II (anos finais).



A educação escolar quilombola deve ter como referência valores culturais, sociais, históricos e econômicos dessas comunidades. Para tanto, a escola deve se constituir como um espaço de diálogo entre o conhecimento escolar e a realidade local, valorizando o desenvolvimento sustentável, o trabalho, a cultura, a luta pelo direito à terra e ao território (BAHIA, 2014).

Nesse sentido, essa socialização de saberes torna propício a valorização da identidade étnica, o sujeito coletivo, o qual constrói e recria sua própria cultura. É possível antecipar a compreensão do contexto que se dará os posicionamentos através da tese de Barth (1976a, p. 11), que define os grupos étnicos como:

[...] categorias adscritivas nativas, que regulam e organizam a interação social dentro e fora do grupo, sobre a base de uma série de contrastes entre o "próximo" e o "distante". Tais contrastes se "ativam" ou não segundo os requisitos do contexto. A qual realidade podemos tratar os alunos atendidos pelas profissionais (BARTH, 1976a, p. 11).

Segundo Barth (1976), a interação entre os sujeitos e grupos, permite transformações contínuas que modelam a identidade, em processo de exclusão ou inclusão, determinando quem está inserido no grupo e quem não está. As relações interétnicas são regidas por um conjunto sistemático de regras que atua em oposição Nós/Eles, pertence/não pertence:

Concentrando-nos naquilo que é socialmente efetivo, os grupos étnicos são vistos como uma forma de organização social. Então, um traço fundamental [...] é a característica do auto atribuição ou da atribuição por outros a uma categoria étnica. Uma atribuição categórica é uma atribuição étnica quando classifica uma pessoa em termos de sua identidade básica mais geral, presumivelmente determinada por sua origem e seu meio ambiente. Na medida em que os atores usam identidades étnicas para categorizar a si mesmos e outros, com objetivos de interação, eles formam grupos étnicos neste sentido organizacional (BARTH, 2011, p. 193 - 194).

Sobre identidades étnicas, Barth (2011) acentua a necessidade de intensificar o olhar para além das diferenças e semelhanças culturais. Nesse aspecto, ser quilombola ou não, se relacionam a partir do reconhecimento de



sentidos e saberes produzidos em suas identidades as aproximam e ao mesmo tempo as distanciam, porém elas assumem critérios de organização ao elaborar o sentimento de pertencimento étnico.

Trataremos aqui de uma das observações no campo. Dialogamos com uma professora entrevistada, a qual lhe daremos o pseudônimo de “late”. Essa professora é residente na comunidade de Ibiaçu, leciona no município há mais de vinte anos, leciona ainda no colégio estadual presente também na comunidade. Uma das nossas perguntas foi: *É possível perceber as diferenças entre as identidades do “ser negro” ou não?* Podemos encontrar na fala da educadora a postura latente da criação da fronteira étnica, estabelecida pelos alunos. A docente afirma que os alunos demonstram a atitude de empatia para responder sobre sua autodeclaração. Ao ser perguntada sobre: *Como você consegue identificar esses alunos?* A educadora responde: *“momento em que os discentes verbalizam e se auto intitulam afrodescendentes. Existe na metodologia aplicada na aula, estratégias para o auto reconhecimento identitário, sua valorização e auto aceitação”* (IATE, 2022).

Esse questionamento a princípio nos traz a reflexão da visão de desafio de ser professor não quilombola para alunos que são, é desafiador. Mas a resposta da professora late evidenciou que a atitude dela em sala de aula favorece a autodeclaração dos estudantes sem problemas. Demonstra que ela tem uma posição antirracista em sala de aula.

Todos os docentes da comunidade escolar têm a oportunidade de aplicar ações efetivas que contribuem para a valorização de suas raízes de forma coletiva/individual, late nos relatou:

São utilizadas dinâmicas, jogos, imagens, filmes, textos, feiras, exposições, debates, palestras, dentre outras didáticas. A considerada mais importante é oportunizar aos discentes utilizar seu lugar de falar para explanar como se vê, quais percepções e conhecimentos têm da sua ancestralidade, bem como, relatar de forma oral ou escrita à realidade na qual vive e suas impressões das transformações que o

# **“ETNICIDADES, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS: OLHARES PARA DIFERENTES TERRITÓRIOS”**

**XIX SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA**

**VI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS**

**VI ENCONTRO DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA**

**VI FÓRUM DE EDUCAÇÃO: LEIS 10.639/03 E 11.645/08, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL.**

**VI ENCONTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS**

**I FESTIVAL DAS ARTES: ANCESTRALIDADES EM MOVIMENTO**

**CANTINHO DO GRIÔ**



mundo, em especial o Brasil vem passando no que diz respeito às temáticas sobre a formação e as vivências étnico/raciais (IATE, 2022).

Notamos que os elementos que caracterizam os estudantes enquanto grupo étnico se sustentam por um sistema de representação dos sentidos, saberes que perpassam por suas identidades. Ao serem questionadas sobre a possibilidade de os alunos perceberem as diferenças entre as identidades do “ser negro” ou não, late posiciona-se:

Um ponto bastante importante a ser abordado é esta temática, pois, em decorrência dos discentes já conviverem em quase sua totalidade com pessoas negras, o “ser negro” é visto da maneira mais humana e natural que pode existir. Sendo neste ponto que existe a preocupação de prepará-los para a vida na sociedade em espaços além dos que já estão acostumados. Para que saibam manter sua consciência de identidade livre de qualquer sentimento de inferioridade ao se depararem com o racismo, bem como, saibam se defender (IATE, 2022).

Ao ser sensível à construção étnica/social dos estudantes, a educadora possibilita o desenvolvimento de práticas e atitudes pedagógicas, voltadas para o processo da superação da perspectiva eurocêntrica de conhecimento e do mundo.

Esse desafio para a escola, educadores e educadoras, de fato, exige mudanças de práticas pedagógicas e descolonização dos currículos em relação à África e aos afro-brasileiros e na formação dos docentes.

As diferenças culturais de significação fundamental para a etnicidade, por sua vez, são aquelas que as pessoas utilizam para marcar a distinção, as fronteiras, e não as ideias do analista sobre o que é mais aborígene ou característico na cultura destas:

A etnicidade não se manifesta nas condições de isolamento, é, ao contrário, a intensificação das interações características do mundo moderno e do universo urbano que se torna salientes as identidades étnicas. Logo, não é a diferença cultural que está na origem da etnicidade, mas a comunicação cultural que permite estabelecer fronteiras entre grupos por meio dos símbolos simultaneamente compreensíveis pelos *insiders* e pelos *outsiders* (POUTIGNAT, STREIFF-FENART, 2011, p.124).



Concordando com o entendimento dos autores, a identidade étnica ocupa lugar de fundamental importância na formação do sujeito e por consequência cada indivíduo contribui para a etnicidade de seu grupo consciente ou inconscientemente, contribuindo para a manutenção e preservação do seu legado.

Para tanto, as educadoras da Escola Municipal Antônio Viana Filho desenvolveram planos estratégicos que contribuiriam para a "democratização e "correção de desigualdades históricas" com esses alunos, os planos foram analisados na etapa de análise documental da escola. A participante Iate é professora da área de Ciências Humanas da disciplina História; ela se autodeclara uma mulher parda; exerce a docência há 20 anos; tem experiência profissional nas modalidades: Ensino Fundamental anos finais e médio. A professora IATE relata uma experiência que sobre a sua prática pedagógica:

*Dentre as várias estratégias que já utilizei nesses vinte anos de profissão, o que me traz memórias inesquecíveis e que trouxe pontos favoráveis e surpreendentes foi a elaboração da árvore genealógica:*

*1. Pedi que meus alunos preenchessem a árvore genealógica da família.*

*2. Em seguida: Preenchessem as informações: Como você se vê; localidade onde mora; com quem mora; se gosta da localidade onde mora; se os pais ou responsáveis tiveram oportunidade de estudar; foto da localidade onde mora; relatar o dia a dia durante uma semana; e especificar seu sonho/meta de vida.*

*3. Depois: Deveriam escolher uma pessoa a qual fosse inspiração na vida dele e gravassem um vídeo da pessoa, relatando um pouco da sua história de vida.*

*4. Na sala, eles tiveram várias imagens de pessoas expostas e deveriam dizer com qual se identificavam, com qual gostariam de se identificar e justificar.*

*5. Foi lido um poema e assistiram ao vídeo: Gritaram-me negra!*

*6. Permite que eles fizessem a correlação entre o poema, o vídeo, o relato da pessoa que inspiravam eles e a vida pessoal deles, e expusessem de forma oral isso.*

*7. Em sequência, preencheram uma história em quadrinhos com objetivo de criar um diálogo que abordasse as mudanças culturais, sociais e raciais no decorrer do tempo e as possíveis medidas que devem ser adotadas para que as futuras gerações formem uma sociedade com mais igualdade e equidade.*

*8. Por fim, cada dupla de alunos ficou responsável por convidar um idoso para a culminância. Na culminância: os idosos assistiram a uma palestra de uma fisioterapeuta que falou sobre o cuidado com a*

# "ETNICIDADES, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS: OLHARES PARA DIFERENTES TERRITÓRIOS"

XIX SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

VI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

VI ENCONTRO DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

VI FÓRUM DE EDUCAÇÃO: LEIS 10.639/03 E 11.645/08, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL.

VI ENCONTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

I FESTIVAL DAS ARTES: ANCESTRALIDADES EM MOVIMENTO

CANTINHO DO GRIÔ



saúde física, assistiram a um vídeo onde os familiares gravaram e mandaram mensagens, assistiram a uma apresentação de música, e ouviram mensagens falando da importância dos conhecimentos destes para a formação das gerações seguintes. E todos receberam uma lembrancinha do evento.

**Avaliação:** Se reconhecer, respeitar a diversidade de vidas sociais e étnicas, compreendendo a importância dos estudos uma vez que, nas gerações antigas nem todos tiveram esse acesso. Aprendendo sobre suas raízes e ancestralidades por diversos meios, podendo compartilhar de forma escrita e oral, assim como, ser ouvido por outras pessoas. E não menos importante, saber que se inspiram e podem inspirar outras pessoas, e, portanto, devem valorizar o passado por meio dos idosos, o presente e ser construtores de um futuro livre de posturas e atitudes preconceituosas, racistas, misóginas e machistas. Consegui fazer essa estratégia de forma completa apenas uma vez. Em outras oportunidades, fiz parte dela. Mas foi muito positivo o resultado. Pretendo fazer outras vezes.

Na análise da entrevista da docente IATE, fica evidenciado que mesmo diante das dificuldades de acesso a formação continuada das docentes, existem ações pedagógicas que acontecem nas escolas situadas na zona rural e quilombola. Com o desenvolvimento da tecnologia o acesso as informações estão disponíveis a todos e todas, as gestões escolares e coordenações pedagógicas poderiam a partir dos Planos Municipais de Educação buscar atingir as metas e estratégias aprovadas, seria uma forma de melhorar a educação nessas comunidades negras quilombolas, indígenas e povos tradicionais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os desafios postos pela diversidade na educação, estão a todo momento exigindo medidas políticas que garantam para todos os grupos sociais, o acesso a uma educação de qualidade. Pode-se evidenciar que a docente que dialogamos busca reconhecer a diversidade étnica e cultural dos alunos possibilitando através das ações metodológicas, a compreensão de que diferentes grupos sociais se manifestam de modo diverso, o que torna necessário para que os alunos compreendam símbolos, representações de



valores, crenças e o fazer cotidiano, além do uso da linguagem e os discursos produzidos nos meios aos quais pertencem.

Para que essa construção intercultural híbrida, imbricada, funcione de forma contundente, é requisito a atenção por parte dos educadores, que lecionam para os alunos das comunidades quilombolas negras no que se refere às influências externas exercidas na escola e como elas colaboram (ou não) para a valorização, o fortalecimento da memória e o reconhecimento da identidade quilombola.

Ao analisar a dinâmica na comunidade escolar, percebemos o diálogo com as diretrizes curriculares da educação para as relações étnico raciais a Lei 10.639/03 e suas vertentes sendo levado em conta, a valorização das relações étnicas, o fortalecimento da memória, e o reconhecimento de pertencer à uma comunidade.

Podemos encontrar na fala da educadora a postura latente da criação da fronteira étnica, estabelecida pelos alunos. As ações contribuem ainda para uma reflexão de acontecimentos, sendo os mesmos localizados em um tempo conjuntural e estrutural, podendo, assim, estabelecer relações entre os diversos fatos de ordem política, econômica e cultural bem como análise crítica da diversidade da experiência humana que contribuir para a luta por uma sociedade de direitos, pela democracia e pela paz.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo W. B. de. **Quilombolas e novas etnias**. Manaus: UEA Edições, 2011. 196 p.

ARRUTI, José Mauricio, Políticas Públicas para quilombos: terra educação e saúde. In: PAULA, Marilene de; HERINGER, Rosana (Orgs.). **Caminhos convergentes: Estado e sociedade na superação das desigualdades raciais no Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação, Heinrich Boll, ActionAid, 2009. Disponível em: [https://br.boell.org/sites/default/files/caminhos\\_convergentes.pdf](https://br.boell.org/sites/default/files/caminhos_convergentes.pdf)

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Quilombola**. Parecer CNE/CEB nº 16 de 2012. Resolução nº 08, de 20 de novembro de 2012.

# "ETNICIDADES, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS: OLHARES PARA DIFERENTES TERRITÓRIOS"

XIX SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA  
VI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

VI ENCONTRO DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

VI FÓRUM DE EDUCAÇÃO: LEIS 10.639/03 E 11.645/08, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL.

VI ENCONTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

I FESTIVAL DAS ARTES: ANCESTRALIDADES EM MOVIMENTO

CANTINHO DO GRIÔ

BRASIL. MEC. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** Brasília: outubro de 2009.

BRASIL. DECRETO n. 5.051/04. Promulga a Convenção N° 169 da Organização Internacional do Trabalho – **OIT sobre Povos Indígenas e Tribais.** Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2004-2006/2004/decreto/d5051.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2004/decreto/d5051.htm)

GOMES, Flávio dos Santos. **De olho em Zumbi dos Palmares:** histórias, símbolos e memória social. Coordenação: Lilia Moritz Schawarcz e Lúcia Garcia. São Paulo: Claro Enigma, 2011.

GOMES, Nilma Lino. **Diversidade Étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira:** Desafios, Políticas e Práticas, 2009. Disponível em: <http://www.anpae.org.br/iberolusobrasileiro2010/cdrom/94.pdf>

GOMES, Nilma Lino, Limites e possibilidades da implementação da lei 10.639/03 no contexto das políticas públicas na educação. In: PAULA, Marilene de; HERINGER, Rosana (Orgs.). **Caminhos convergentes: Estado e sociedade na superação das desigualdades raciais no Brasil.** Rio de Janeiro: Fundação, Heinrich Boll, ActionAid, 2009. Disponível em: [https://br.boell.org/sites/default/files/caminhos\\_convergentes.pdf](https://br.boell.org/sites/default/files/caminhos_convergentes.pdf)

MATTOSO, Kátia de Q. **Ser escravo no Brasil.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

POURTIGNAT, Philippe (org). **Teorias da Etnicidade: Seguindo de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Fredrik Barth** / Philippe Pourtignat, Jocelyne Streilf Fenarth, tradução de Elcio Fernandes, 2ª ed. São Paulo. Fundação Editora da UNESP, 2011.

SANTOS, Mauro Augusto dos. ROCHA, Islane Archanjo. O Conceito de Território Quilombola a partir de uma Imbricação de Identidade Étnico-Territorial. **FÊNIX - Revista de História e Estudos Culturais.** v.14, Ano XIV, N°2, jul - dez, 2017.